

JAMES AGEE

Uma morte em família

Tradução

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1938, 1956, 1957 by The James Agee Trust
Copyright renewed © 1985 by Mia Agee
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

A death in the family

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

Car Culture/ Getty Images

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Thaís Totino Richter

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agee, James, 1905-1955.

Uma morte em família / James Agee ; tradução; Caetano W. Galindo. – 1. ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: A death in the family.

ISBN 978-85-359-2045-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-00434

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Nota do editor, 7

Knoxville: verão de 1915, 9

Primeira parte, 15

Segunda parte, 121

Terceira parte, 263

Knoxville: verão de 1915

Falamos agora de fins de tarde de verão em Knoxville, Tennessee, na época em que morei lá tão bem-sucedidamente disfarçado para mim mesmo de criança. Era um quarteirão um tanto quanto misto, muito solidamente classe média baixa, com uma ou duas protuberâncias para cada lado dessa linha. As casas combinavam: casas de madeira de tamanho médio graciosamente treliçadas, construídas no fim dos anos 1890 e começo dos 1900, com fachadas e laterais acanhadas e quintais mais espaçosos, e árvores nos quintais, e varandas. Eram árvores de madeira macia, choupos, tulipeiros, álamos. Duas ou três casas tinham cercas, mas em geral os quintais davam uns para os outros tendo apenas de vez em quando uma sebe baixa que não ia muito bem. Havia poucos bons amigos entre os adultos, e eles não eram suficientemente pobres para aquele outro tipo de relação íntima, mas todos acenavam uns para os outros e se falavam, e até podiam conversar por algum tempo, trivialmente, indo de um extremo a outro, da generalidade ao detalhe, e via de regra vizinhos de porta conversavam bastante quando por acaso topavam uns com os outros, e nunca se visita-

vam. Os homens eram em geral pequenos comerciantes, um ou dois executivos muito modestos, um ou dois trabalhavam com as mãos, quase todos em balcões, e quase todos tinham entre trinta e quarenta e cinco anos.

Mas é desses fins de tarde que falo.

A janta era às seis e estava finda às seis e meia. Ainda havia luz que brilhava doce e enodada, como o interior de uma concha; e os candeeiros de carvão erguidos nas esquinas estavam acesos na luz, e os gafanhotos estavam acesos, e os vagalumes desligados, e uns poucos sapos se espojavam na grama orvalhada, quando chegava a hora de saírem pais e crianças. As crianças apareciam primeiro, correndo alucinadas e berrando os nomes por que eram conhecidas; aí vinha o tranquilo naufrágio dos pais, de suspensórios cruzados, colarinhos removidos e pescoços que pareciam altos e tímidos. As mães ficavam lá na cozinha lavando e secando, guardando coisas, repisando suas pegadas sem rastros como as jornadas vitalícias das abelhas, medindo o chocolate em pó para o café da manhã. Quando saíam, tinham tirado os aventais e suas saias estavam umedecidas, e sentavam-se em cadeiras de balanço nas varandas, sossegadas.

Não é das brincadeiras das crianças ao entardecer que quero falar agora, é de uma atmosfera contemporânea sua que pouco tem que ver com elas: a dos pais das famílias, cada um em seu pedaço de gramado, camisa submarinamente clara sob luz aberrante e rosto quase anônimo, regando a grama. As mangueiras se prendiam a torneiras que se projetavam das fundações de tijolos das casas. Seus bicos se dispunham de diversas maneiras, mas normalmente de modo a que houvesse um longo e delicado jorro de gotículas, o bico molhado na mão, a água escorrendo no antebraço direito e no pulso da camisa de manga revirada, e a água borbotando um longo cone lesto e recurvo, e um som tão sutil. Primeiro um insano ruído de violência no bico, depois o som ainda irregular

do ajuste, depois a suavização da firmeza e um tom que se afinava com tanta precisão ao tamanho e ao estilo do jorro quanto um violino. Tantas qualidades de som vindas de uma só mangueira — tantas diferenças corais vindas das diversas mangueiras ao alcance do ouvido. Vindo de qualquer mangueira, o silêncio quase morto da liberação, e o curto arco imóvel das grandes gotas individuais, silentes como alento sustido, e o único ruído era o harmônico ruído nas folhas e na grama estapeada pela queda de cada grande gota. Isso, e o intenso zumbido com o jorro intenso; isso, e aquela mesma intensidade, que não diminuía, mas se tornava mais calada e delicada com o girar do bico, até o mais terno dos sussurros quando a água era apenas ampla campânula de película. Basicamente, contudo, as mangueiras ficavam reguladas de forma muito parecida, em um meio-termo entre distância e ternura de jorro (e com bastante certeza havia uma noção de arte por trás desse meio-termo e uma profunda e tranquila alegria, real demais para poder ser reconhecida), e os sons portanto se afinavam bem iguais; pontuados pelo ronco da partida de uma nova mangueira; decorados por algum homem que se divertia com o bico; abandonados, ociosos, como Deus pela queda da andorinha, quando um só deles desiste: e todos, conquanto quase iguais, de variados tons; e nesse uníssono. Esses delicados jatos pálidos à luz levantam todos juntos seu palor e suas vozes, mães acalmando os filhos, prolongando-se o acalmar mais que o devido, os homens cordatos e silentes e cada um deles recolhido, caramujo, na quietude do que, só, está fazendo, a micturição de crianças imensas dispostas algo militarmente contra um muro invisível, e cordatas, felizes e em paz, provando a parca bondade de suas vidas como a última das ceias que tivessem na boca; enquanto os gafanhotos prolongam aquele ruído de mangueiras em sua tonalidade tão mais alta e mais aguda. O ruído do gafanhoto é seco e parece não provir de raspagem ou vibração, e sim ter sido extraído dele como que por um pequeno

orifício graças a um alento que jamais pode morrer. Também não há jamais um só gafanhoto, mas a ilusão de pelo menos um milhar. O ruído de cada gafanhoto se afina em certa clássica gama gafanhota do qual nenhum deles varia mais que dois tons inteiros: e contudo parece que você ouve cada gafanhoto isolado de todo o resto, e há um longo, lento pulsar em seu ruído, como o arco de parques contornos de uma ponte longa e elevada. Estão em todos os lugares, em todas as árvores, de modo que o ruído parece vir ao mesmo tempo de lugar nenhum e de toda parte, de toda a concha dos céus, arrepiando-se em sua carne e açulando seus tímpanos, o mais afirmativo de todos os sons da noite. E contudo ele é de regra nas noites de verão, e é da grande ordem dos ruídos, como os ruídos do mar e do sangue, seu neto precoce, que você percebe que está escutando apenas quando se apanha ouvindo. Enquanto isso, do piso das trevas, logo além dos horizontes dançantes das mangueiras, dizendo sempre grama na água do orvalho e sua forte mancha negro-verde de aromas, o ruído regular conquanto espaçado dos grilos, cada um deles um delicado ruído frio e argênteo em tercinas, como o deslizar a cada vez de três elos iguais de uma pequena corrente.

Mas os homens, a essa altura, um a um, silenciaram suas mangueiras, que drenaram e enrodilharam. Agora apenas dois, e já apenas um restou, e pode-se ver somente uma camisa fantasma com ligas nas mangas, e o mistério sóbrio de seu rosto manso como a face erguida de uma grande rês inquirindo sobre a tua presença em um lago escuríssimo de campinas; e agora ele também se foi; e tornou-se aquele momento do entardecer em que as pessoas se sentam em suas varandas, balançando-se suaves e falando suave e observando a rua e o alçar-se para suas esferas de domínio das árvores, de pássaros portos pendentes, pousios. Passam pessoas; coisas passam. Um cavalo puxando uma carroça, irrompendo sua oca música férrea sobre o asfalto; um estrepitoso automóvel; um

silencioso automóvel; pessoas aos pares, sem pressa, errando, trocando o apoio do peso do corpo estival, conversando à toa, pairando sobre elas o gosto de baunilha, morango, papelão e leite engrossado, a imagem sobre eles de amantes e cavaleiros, emparelhados a palhaços, emâmbares, sem tons. Um bonde elevando seu gemido de ferro; parando, sinando e partindo; estentóreo; exaltando e alto alçando seu crescente gemido de ferro e nadando com suas janelas de ouro e assentos de palha passando passados, a lúgubre fagulha estrelejando e sobre ele amaldiçoando como um pequeno espírito maldoso aplicado a seguir seu rastro; o férreo estrilo aumenta, aumentada a velocidade; ainda mais alto, desfalece; detém-se, o vago acúleo do sino; aumenta de novo, ainda mais alto, falecendo, erguendo-se, ergue-se, desfalece falido: olvidado. Agora é a noite um só orvalho azul.

*Agora é a noite um só orvalho azul, meu pai drenou, enrodi-
lhrou a mangueira.*

*Baixo na extensão dos gramados, o extenuar de um fogo que
respira.*

*Satisfeito, argênteo, como olhares de luz, cada grilo faz e refaz
seu comentário na grama afogada.*

Um gélido sapo baqueantemente naufraga.

*Entre as beiras de úmidas sombras de quintais laterais pairam
crianças quase doentes da alegria do medo, que observam a troca
da guarda de um poste telefônico.*

*Em torno de brancas lâmpadas de esquina de carvão, insetos
de todos os tamanhos erguem-se elípticos, sistemas solares. Grandes
conchas rijas se entreferem, ataques: está caído de costas, esper-
neante.*

*Pais nas varandas: balançam-se-lançam: De úmidos barban-
tes, ipomeias: pendem suas faces antiquadas.*

O seco e exaltado ruído dos gafanhotos de todo o ar imediatamente encanta meus tímpanos.

Na grama áspera e úmida do quintal dos fundos, meus pai e mãe estenderam colchas. Ali nos estendemos todos, minha mãe, meu pai, meu tio, minha tia, e eu também estou estendido ali. Primeiro estávamos sentados, então um de nós se estendeu, e então nos estendemos todos, de bruços, de lado, de costas, e continuaram falando. Não estão falando muito, e a conversa é tranquila, sobre nada em especial, sobre nada mesmo de especial, sobre nada. As estrelas são vastas e vivas, parecem cada uma um sorriso de grande doçura, e parecem muito próximas. Toda a minha gente são corpos maiores que o meu, quietos, com vozes delicadas e sem sentido como as vozes de pássaros adormecidos. Um é um artista, está morando conosco. Uma é musicista, está morando conosco. Uma é minha mãe, que é boa para mim. Um é meu pai, que é bom para mim. Por algum acaso, aqui estão, todos nesta terra; e quem há de um dia narrar a dor de estar nesta terra, estender-se sobre colchas, na grama, em uma noite de verão, entre os sons da noite. Que Deus abençoe minha gente, meu tio, minha tia, minha mãe, meu bom pai, ah, lembre-se deles com carinho em suas horas de aflição; e na hora em que forem levados.

Depois de um tempo, sou recolhido e posto na cama. O sono, sorrindo suave, puxa-me para si: e me recebem aqueles que me tratam silentes, como alguém íntimo e bem-amado naquele lar, mas que não vão, ah, não vão, não agora, nem nunca, não vão jamais me dizer quem sou.

PRIMEIRA PARTE

1.

Na hora do jantar, naquela noite, como muitas vezes antes, seu pai disse “Bom, e se a gente fosse ver um filme”.

“Ai, Jesus!”, sua mãe disse. “Aquele sujeitinho horroroso!”

“Que é que tem ele?”, seu pai perguntou, não porque não soubesse o que ela diria, mas para que ela pudesse dizer.

“Ele é tão *grosseiro!*”, ela disse como sempre. “Tão *vulgar!* Com aquela bengalinha vulgar; erguendo as saias e tudo mais, e aquele passinho vulgar!”

Seu pai riu, como sempre, e Rufus sentiu que a piada já tinha ficado meio sem graça; mas como sempre o riso também o animou; ele sentia que o riso o unia ao pai.

Caminharam para o centro sob a luz de madrepérola, em direção ao Majestic, e acharam o caminho até as poltronas graças à luz da tela, com o aroma extasiante do tabaco rançoso, do fétido suor, do perfume e das calças sujas, enquanto o piano tocava uma música rápida e cavalos a galope erguiam um grandioso estandarte de poeira. E lá estava William S. Hart com ambas as armas cuspidando fogo e seu rosto longo, equino, e seu lábio longo,

equânime, e a grandiosa paisagem passava atrás dele a cavalo, ampla como o mundo. Então ele fez uma cara constrangida para uma moça e seu cavalo ergueu o lábio superior e todos riram, e aí a tela se encheu com uma cidade e com a calçada de uma ruazinha de uma cidade, uma longa linha de palmeiras, e lá estava Carlitos; todo mundo riu no segundo em que o viram caminhando meio agachado com os dedos apontados para fora e os joelhos separados, como se estivesse todo assado; o pai de Rufus riu, e Rufus riu também. Dessa vez Carlitos roubou uma sacola de ovos inteirinha e quando apareceu um policial ele escondeu os ovos no fundilho das calças. Aí notou uma mulher bonita e começou a se agachar, a rodar a bengala e a fazer caretas bobas. Ela virou a cabeça para o outro lado e se afastou com o queixo bem erguido e a boca escura tão contraída quanto podia e ele a seguiu muito atarefado, fazendo tudo quanto era coisa com a bengala que fazia todo mundo rir, mas ela não prestou atenção. Finalmente ela parou em uma esquina para esperar o bonde, dando-lhe as costas e fingindo que ele nem estava ali, e depois de tentar chamar a atenção dela por um tempo, e de não conseguir, ele olhou para a plateia, deu de ombros e agiu como se *ela* não estivesse ali. Mas depois de ficar batendo o pé um tempinho, fingindo que não dava bola, ele se interessou de novo, e com um sorriso encantador levantou seu chapéu-coco; mas ela apenas empertigou-se ainda mais, virou de novo a cabeça, e todo mundo riu. Aí ele ficou andando de um lado para o outro atrás dela, olhando para ela e se agachando um pouquinho enquanto caminhava muito quieto, e todo mundo riu de novo; aí ele pegou rapidinho a bengala pela parte reta e, com a parte curva, ergueu a saia dela até o joelho, exatamente do jeito que deixava mamãe enojada, olhando muito interessado as pernas dela, e todo mundo riu bem alto; mas ela fingiu que não tinha percebido. Aí ele rodou a bengala e de repente se agachou, curvando a bengala e

erguendo as calças, e novamente ergueu a saia dela de um jeito que dava para ver as calçolas que ela estava usando, cheias de babados quase como as barras de uma cortina, e todo mundo morreu de rir, e ela de repente se virou enfurecida e lhe deu um empurrão no peito, e ele caiu sentado de pernas esticadas, com uma força que deve ter doído, e todo mundo gargalhou de novo; e ela subiu a rua toda altiva, esquecendo o bonde, “fula da vida!”, como seu pai explicou, encantado; e lá estava Carlitos, de traseiro na calçada, e pela cara dele, meio abatido e enojado, dava para você ver que de repente ele tinha se lembrado daqueles ovos, e subitamente você também se lembrou. A cara dele, com o lábio erguido, enrugado e afastado dos dentes em um sorrisinho enojado, fazia você se sentir exatamente como se estivesse com aqueles ovos quebrados nos fundilhos, estranho e desagradável como naquela vez com o terninho branco, quando escorreu pelas pernas das calças e apareceu nas meias todinhas e você teve de ir a pé para casa daquele jeito com as pessoas te olhando; e o pai de Rufus estava quase morrendo de tanto rir, e os outros também, e Rufus estava com muita pena de Carlitos, tendo passado tão recentemente por uma situação parecida, mas o contágio do riso era demais para ele, que riu também. E aí foi ainda mais engraçado quando Carlitos se levantou da calçada com muito cuidado, fazendo uma cara ainda mais enojada, e pôs a bengala embaixo de um braço e começou a pegar as calças, na frente e atrás, com muito cuidado, com os dedinhos dobrados, como se estivessem sujas demais para ele encostar, desgrudando o tecido molhado da pele. Aí ele esticou a mão para a parte de trás e tirou o saco encharcado de ovos quebrados, abriu e olhou lá dentro; tirou um ovo quebrado e desmontou a casca cheio de repulsa, deixando a gema elástica correr de uma meia casca para outra, e largou aquilo, estremecendo. Aí ele olhou lá dentro de novo e pescou um ovo inteiro, todo gosmento por causa da gema rompida, e o lim-

pou cuidadosamente na manga, olhou para ele e o embrulhou no lenço sujo e o colocou com cuidado no bolso do peito do seu paletozinho. Aí sacou a bengala debaixo do braço e assumiu outra vez o controle dela, e com uma última olhada para todos, ainda enojado mas ao mesmo tempo animado, deu de ombros, virou as costas e raspou com os sapatões as cascas quebradas e a sacola empapada como se quisesse jogá-las para trás, exatamente como um cachorro, olhou de novo para aquela bagunça (todos riram de novo por causa disso) e começou a se afastar, dobrando bem a bengala a cada vez que arrastava os pés, e se agachando ainda mais, e com os joelhos mais afastados que nas outras vezes, constantemente puxando os fundilhos das calças com a mão esquerda, e sacudindo um pé, depois o outro, e uma vez metendo bem a mão nos fundilhos e aí parando e sacudindo o corpo todo, como um cachorro molhado, e então caminhando de novo, enquanto a tela cerrava em torno de sua pequena imagem um repentino círculo de escuridão; então o pianista mudou de música, e vieram os reclames em cores imóveis. Eles ficaram esperando o filme de William S. Hart para saber ao certo por que ele tinha matado o sujeito do colete elegante — foi bem como eles tinham pensado depois da cara assustada e satisfeita que ela fez depois do assassinato; ele tinha ofendido uma moça e trapaceado com o pai dela também — e o pai de Rufus disse “Bom, tô achando que foi aqui que a gente entrou”, mas eles ficaram vendo ele matar o sujeito de novo; e aí saíram do cinema.

Agora já estava bem escuro, mas ainda era cedo; a Gay Street, cheia de rostos absortos; muitas das vitrines das lojas ainda estavam iluminadas. Gente de gesso, em poses nobres, portava roupas rijas intocavelmente novas; havia até um menininho, com calças retas, curtas, joelhos de fora e meias altas, obviamente maricas: mas pelo menos estava de boné, e não com um gorrinho de bebê. Todas as entranhas de Rufus se ergueram e se afunda-

ram enquanto olhava o boné e erguia os olhos para o pai; mas o pai não percebeu; seu rosto estava envolto em bom humor, a lembrança de Carlitos. Recordando o fracasso de um ano atrás, mesmo levando em conta que havia sido sua mãe, Rufus tinha medo de tocar no assunto. Seu pai não veria mal, mas ela não ia querer que ele ganhasse um boné ainda. Se pedisse ao pai agora, o pai diria não, Carlitos bastava. Ele observava os rostos absortos se acotovelando e as grandes letras reluzentes das placas: “Sterchi’s”, “George’s”. Agora eu sei ler as placas, refletia. Até sei dizer “Stârquis”. Mas achou melhor não dizer isso; ele lembrava como seu pai havia dito, “Não fique se gabando”, e ele tinha ficado intrigado e se sentindo meio bobo na escola por vários dias, por causa do tom severo de sua voz.

O que era se gabar? Era ruim.

Dobram para uma rua mais escura, onde os poucos rostos pareciam mais secretos, e entraram na estranha, trêmula luz da Market Square. Estava quase vazia a essa hora, mas aqui e ali, ao longo das calçadas estriadas por urina de cavalos, uma carroça restava imóvel e uma branda luz de fogueiras brilhava através da casca de pano branca bem esticada sobre seus aros de noqueira. Um homem de rosto escuro estava encostado num muro branco de tijolos, roendo um nabo; olhou para eles com humildade, olhos tristes, claros. Quando o pai de Rufus ergueu a mão em muda saudação, ele ergueu a sua, mas menos, e Rufus, virando-se, viu como ele olhava de um jeito infeliz, algo perigoso, na direção deles. Passaram por uma carroça cuja lanterna ardia em fraco alaranjado; lá se estendia toda uma família, os grandes e os pequenos, silentes, dormindo. Na traseira de uma carroça estava sentada uma mulher, rosto estreitado entre as abas do toucado, olhos negros em sua sombra, como borrões de fuligem. O pai de Rufus desviou os olhos e tocou de leve o chapéu de palha; e

Rufus, olhando para trás, viu como os olhos mortos da mulher continuavam olhando delicados para a frente.

“Bom”, seu pai disse, “tô achando que eu vou só dar uma paradinha aqui.”

Eles atravessaram as portas vaivém adentrando uma explosão de aromas e sons. Não havia música: apenas a intensidade dos corpos e o cheiro de um bar de praça, de cerveja, uísque e corpos caipiras, sal e couro; nenhum clamor, somente o espesso silêncio das conversas amarrotadas. Rufus ficou parado olhando a luz em uma escarradeira úmida e ouviu seu pai pedir uísque, e sabia que ele estava olhando de um lado para outro pelo bar em busca de homens que por acaso conhecesse. Mas eles raramente vinham de lugares tão distantes quanto o vale do rio Powell; e Rufus logo percebeu que seu pai não havia, esta noite, encontrado um só conhecido. Ele olhou seu pai de baixo para cima e o viu se dobrar para trás e entornar um copo de um só gole de maneira senhoril, e um momento depois ouviu-o dizer para o homem a seu lado: “Esse aqui é o meu menino”; e sentiu um calor de amor. No momento seguinte, sentiu as mãos do pai sob suas axilas, e foi erguido, alto, e posto sentado no balcão do bar, olhando para uma longa fileira de caras vermelhas cerdosas e barbadas. Os olhos dos homens mais perto dele eram cheios de interesse e bondade; alguns sorriram; mais para longe, os olhos eram impessoais e questionadores, mas agora até alguns desses começaram a sorrir. De maneira algo tímida, porém se sentindo seguro de que seu pai tinha orgulho dele e de que era amado, gostou desses homens, devolveu os sorrisos; e de repente muitos deles riram. Viu-se desconcertado pelo riso deles e súbito perdeu seu sorriso; então, percebendo que riam amistosos, sorriu de novo; e de novo eles riram. Seu pai sorriu para ele. “É o meu menino”, disse calorosamente. “Seis anos, e já sabe ler melhor que eu sabia com o dobro da idade dele.”

Rufus sentiu um súbito oco na voz do pai, e por todo o bar, e em seu próprio coração. Mas briga de um jeito... pensou. Você não se gaba de inteligência se seu filho é corajoso. Ele sentiu a angústia da vergonha, mas seu pai não parecia perceber, a não ser pelo fato de que com a mesma imprevisibilidade com que o tinha erguido até o balcão ele delicadamente o desceu de novo dali. “Tô achando que vou tomar mais uminha”, disse, e bebeu mais devagar, e então, com alguns boas-noites, eles saíram.

Seu pai ofereceu uma balinha de menta, cortesmente, de homem para homem; ele a aceitou com uma sensação especial de cortesia. Aquilo selava seu pacto. Apenas uma vez seu pai tinha sentido a necessidade de lhe dizer “Eu não contava isso pra mamãe, se fosse você”; ele soube, dali em diante, que podia confiar em Rufus; e Rufus tinha sentido certa gratidão nessa confiança muda. Eles se afastaram da Market Square por uma rua escura e quase vazia, chupando suas mentinhas; e o pai de Rufus refletia, sem uma preocupação especial, que aquelas balinhas não iriam dar conta de salvá-lo hoje; era melhor ele se fazer de muito cansado, e dar as costas no exato instante em que fossem para a cama.

O asilo dos surdos-mudos estava surdo e mudo, seu pai observou muito baixo, como se estivesse cuidando para não acordar o edifício, como sempre fazia nessas noitadas; suas janelas mostravam-se negras com seus tijolos pálidos, como os olhos daquela enfermeira, e ele se erguia profundo e silente entre as leves sombras de suas árvores. Adiante deles, a Asylum Avenue se estendia lúgubre por sob seus postes. Reticulado pelo ferro da loja de penhores, um velho sabre apanhava a luz de um poste da rua; reluzia o ventre de um bandolim. Em uma farmácia fechada restava a Vênus de Milo, seu corpo dourado rendilhado por alças elásticas. O vitral do armazém L&N ardia em brasa como uma borboleta exausta, e no meio do viaduto eles se detiveram para

inalar o jato de fumaça de uma locomotiva de serviço que passava por baixo; Rufus, erguido, cinzas ferroando-lhe o rosto, agradecia não mais temer essa suspensão sobre os trilhos e as poderosas locomotivas. Bem mais longe, uma luz vermelha cintilou para o verde; um momento depois, eles ouviram o empolgante estalido. Eram dez e sete pelo relógio do armazém. Prosseguiram, mais à toa do que antes.

Se eu soubesse brigar, pensou Rufus. Se eu fosse corajoso; ele nunca ia se gabar de como eu leio bem: Gabar. Claro, “Não fique se gabando”. E era isso. O que queria dizer. Não se gabe de ser inteligente se não é corajoso. Você não tem nada de que se gabar. Não fique se gabando.

As folhas novas da Forest Avenue oscilavam de encontro às luzes dos postes e eles se aproximavam de sua esquina.

Era um terreno baldio, parte de terra nua pisada, parte tomado pelo mato, um pouco mais alto que o nível da calçada. Uns metros para longe da calçada havia uma árvore média e, perto dela o bastante para estar a sua sombra durante o dia, um pedregulho de calcário como uma grande trouxa de roupa suja. Se você sentava em uma certa parte da pedra, o tronco da árvore cobria a fraca luz da rua a uma quadra de distância, e ficava muito escuro. Toda vez que iam a pé para o centro da cidade e voltavam a pé para casa, à noite, eles começavam a caminhar mais devagar, desde perto do meio do viaduto, e ao se aproximarem desta esquina eles caminhavam ainda mais devagar, porém determinados; e se detinham por um momento na borda da calçada; então, sem falar, entravam no terreno escuro e se sentavam sobre a pedra, olhando para a íngreme encosta do morro e as luzes de North Knoxville. No fundo do vale um motor tossiu e ciscou; engates acomodaram suas longas correntes e os carros vazios ressoaram como tambores partidos. Um homem surgiu do lado mais afastado da rua, caminhando nem lento nem rápido,

sem virar a cabeça, ao parar, e quase certamente sem se dar conta da presença deles; eles o observaram até que estivesse fora de vista, e Rufus sentiu, e teve certeza de que seu pai sentiu, que embora o homem não oferecesse perigo e tivesse tanto direito quanto eles de estar ali, cuidando de sua vida, a jornada deles ficou interrompida desde o momento em que o viram pela primeira vez e até o verem desaparecer. Quando desapareceu, eles perceberam mais que antes o prazer de sua privacidade; realmente relaxaram nela. Olharam através das trevas para as luzes de North Knoxville. Tinham consciência das folhas silenciosas acima deles e olhavam para elas e através delas. Olhavam por entre as flores para os astros. Normalmente nessas esperas noturnas, ou minutos antes de irem para casa, o pai de Rufus fumava um cigarro inteiro e, quando acabava, era hora de levantar e ir para casa. Mas dessa vez ele não fumou. Até recentemente ele sempre tinha dito alguma coisa sobre Rufus estar cansado quando ainda estavam a uma quadra da esquina; mas não mais ultimamente, e Rufus percebeu que seu pai parava tanto porque queria quanto por causa de Rufus. Ele simplesmente não tinha pressa de ir para casa, Rufus percebeu; e, bem mais importante, era óbvio que ele gostava de passar esses poucos minutos com Rufus. Recentemente Rufus tinha começado a sentir um tipo calado de ansiedade diante da aproximação da esquina assim que atravessavam o viaduto; e, durante os dez ou vinte minutos em que ficavam sentados na pedra, um tipo singular de contentamento, diferente de qualquer outro que conhecesse. Ele não sabia o que era aquilo, em palavras ou ideias, ou qual era o motivo; era simplesmente tudo que via e sentia. Era, acima de tudo, o fato de saber que seu pai, também, sentia um tipo singular de contentamento, aqui, diferente de todos os outros, e que os tipos de contentamento dos dois eram muito similares e dependiam um do outro. Rufus raramente tinha com qualquer agudeza a

sensação de que ele e seu pai eram distantes um do outro, e no entanto deviam ser, e ele deve ter sentido, pois sempre, durante esses momentos tranquilos sobre a pedra, uma parte daquela sensação de completo contentamento repousava na noção de que estavam reconciliados, de que de fato não havia divisão, distanciamento, ou ao menos nada tão forte que pudesse significar muita coisa, em comparação com a unidade que, aqui, era tão firme e segura. Ele sentia que embora seu pai adorasse sua casa e amasse todos eles, era mais solitário do que o contentamento do amor de sua família podia evitar; que esse contentamento até aumentava sua solidão, ou tornava difícil ele não se sentir só. Sentado aqui fora ele não se sentia só; ou então se sentia em bons termos com a solidão; um homem com saudades de casa, e aqui na pedra, embora pudesse estar com mais saudade do que nunca, estava bem. Ele sabia que uma parte muito importante de seu bem-estar vinha de ficar alguns minutos longe de casa, muito tranquilo, no escuro, ouvindo as folhas caso se movessem, e olhando para as estrelas; e que a sua, de Rufus, presença, era integralmente tão indispensável quanto isso para seu bem-estar. Ele sabia que cada um deles sabia do bem-estar do outro, e das razões para isso, e sabia o quanto cada um dependia do outro, o quanto cada um representava mais para o outro nesta que era a mais importante das formas, que qualquer outra pessoa ou qualquer outra coisa no mundo; e que o melhor desse bem-estar estava nessa consciência recíproca, que não era nem velada nem revelada. Ele sabia essas coisas de uma maneira muito nítida, mas não, é óbvio, de qualquer maneira que se assemelhasse às que temos para sugerir-las em palavras. Não havia palavras, nem mesmo ideias ou emoções formadas, como as que foram aqui sugeridas, tanto no homem quanto no menino. Essas percepções se moviam velozes pelos sentidos, a memória, as sensações, a mera sensação do lugar em que se detinham, a menos de meio quilô-

metro de casa, em uma pedra sob uma árvore perdida que tinha crescido na cidade, os dois com os pés no barro indomado, olhando para o norte através da noite por sobre os trilhos da Southern Railway e por cima de North Knoxville, na direção das pequenas montanhas profundamente redobradas e do vale do rio Powell, e acima deles as trêmulas lanternas do universo, parecendo tão próximas, tão íntimas, que quando o ar mexia as folhas e os cabelos dos dois, ele parecia ser o alento, o sussurro das estrelas. Às vezes nessas noites seu pai cantarolava um pouco e o canto se abria em uma ou duas palavras claras, mas ele nunca terminava uma parte sequer de uma canção, pois o silêncio era ainda mais agradável, e às vezes ele dizia algumas palavras de muito pouca importância, mas nunca tentava dizer muito, ou terminar o que estava dizendo, ou esperar uma resposta; pois o silêncio novamente era ainda mais agradável. Às vezes, Rufus tinha percebido, ele acariciava a pedra enrugada e apertava bem a mão contra ela; e às vezes ele apagava o cigarro e o destruía e esmigalhava antes de ter fumado metade. Mas dessa vez ele estava bem mais quieto que o normal. Diminuíram o passo um pouco antes do normal e caminharam um pouco mais devagar, sem dizer uma palavra, até a esquina; e hesitaram, antes de sair da calçada para a terra, puramente pelo gozo da hesitação; e se acomodaram sobre a pedra sem romper o silêncio. Como sempre, o pai de Rufus tirou o chapéu e o acomodou sobre o joelho dobrado e, como sempre, Rufus o imitou, mas dessa vez seu pai não enrolou um cigarro. Eles esperaram enquanto o homem passava, invadindo sua privacidade, e desaparecia, como alguém quase sempre fazia, e então se deixaram relaxar agudamente no prazer de sua privacidade; porém dessa vez o pai de Rufus não cantarolou nem disse nada, nem pôs a mão na pedra, mas ficou sentado com as mãos soltas entre os joelhos e olhou para North Knoxville, ouvindo a sossegada composição do trem; e depois de ter havido silêncio

por algum tempo, ergueu a cabeça e olhou para as folhas e entre as folhas para as vastas estrelas, sem sorrir, mas com os olhos mais calmos e pesados e com a boca forte e mais calada do que Rufus jamais tinha visto seus olhos e sua boca; e enquanto observava o rosto do pai, Rufus sentiu a mão de seu pai pousar, sem tatear, sem falta de jeito, sobre sua cabeça descoberta; ela pegou sua testa e a alisou, e tirou o cabelo de sua testa, e segurou sua cabeça por trás enquanto Rufus empurrava a cabeça para trás contra a mão firme, e, em resposta a essa pressão, cobriu suas orelha e bochecha direitas, todo um lado da cabeça, e puxou silenciosa e vigorosamente a cabeça de Rufus para o tecido elegante que cobria o corpo de seu pai, através do qual Rufus podia sentir as costelas respirando; então o soltou e Rufus sentou mais reto, enquanto a mão repousava forte em seu ombro, e viu que os olhos de seu pai tinham se tornado ainda mais claros e pesados e que as linhas fundas em volta de sua boca estavam satisfeitas; e olhou para cima, para o que seu pai estava olhando tão firme, para as folhas que silenciosamente respiravam e para as estrelas que batiam como corações. Ele ouviu um longo, um fundo suspiro de seu pai e então a abrupta voz de seu pai: “*Bom...*” e a mão se ergueu dele e os dois se puseram de pé. Durante o resto do caminho não falaram nem puseram os chapéus. Quando estava quase adormecendo, Rufus ouviu mais uma vez o farfalhar dos vagões, e no fundo da noite ouviu o farfalhar de vozes contidas e palavras: “Nãã: provavelmente eu volto antes de eles dormirem”; e então pés velozes rangendo baixinho no térreo. Mas quando ouviu o rangido e a partida do Ford, já estava em um sono tão fundo que aquilo pareceu apenas parte de um sonho, e na manhã seguinte, quando sua mãe lhes explicou por que seu pai não estava no café da manhã, quando se lembrou dessas coisas, ele nunca pôde ter certeza de que não estava inventando aquilo tudo.